



Abrindo o Armário: Félix Khoury da Telenovela Amor À Vida nas Leituras da Comunidade LGBT na cidade de São Paulo ¹

Lívia Cretaz²

Instituto Presbiteriano Mackenzie

Resumo

Este artigo visa apresentar os resultados obtidos oriundos da pesquisa empírica realizada com o intuito de obter o título de mestre. Para a construção da dissertação de mestrado partiu-se de premissas que situam a comunicação social como processo sócio histórico - e também dos Estudos de Recepção, Teoria das Mediações e Estudos Culturais Britânicos, que situam a telenovela como lugar de medições. Concentrando o problema de pesquisa na identificação, leituras e repercussão do primeiro vilão homossexual das telenovelas brasileiras – Félix Khoury de *Amor à vida* (Rede Globo, 2013). Tal empiria se deu a partir de um estudo de recepção com integrantes da comunidade LGBT da cidade de São Paulo. Os resultados dessa pesquisa serão, parcialmente, apresentados neste artigo. Lançamos de antemão alguns dos resultados obtidos em campo e é possível dizer que personagens como Félix foram aceitas porque a sociedade está mais aderente a elas, embora suas reproduções ainda sejam exacerbadas.

Palavras-chave: Comunicação e consumo; Telenovela; Vilania e redenção; Representações homoeróticas.

Com o objetivo de buscar respostas acerca das leituras, significações e ressignificações a partir da personagem Félix Khoury da telenovela *Amor à Vida* (Rede Globo, 2013), o objetivo desse estudo foi mapear as representações de homoerotismo nas telenovelas brasileiras; identificar as leituras de alguns membros pertencentes à Comunidade LGBT da cidade de São Paulo realizaram a partir de um personagem homossexual na posição inicial de vilão; investigar a repercussão do beijo *gay*

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 9 – Comunicação, Discurso da Diferença e Biopolíticas do Consumo do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Doutoranda do Instituto Presbiteriano Mackenzie em Educação, Arte e História da Cultura. Mestre pelo PPGCOM em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Email: liviacretaz@hotmail.com.



masculino na telenovela em questão e, por fim, identificar como o homoerotismo se caracteriza como um apelo textual crescente na televisão brasileira, por meio de telenovelas, seriados, *reality shows*, etc.

Trajetos Metodológicos

Para Marin (2006, p. 66)³ cada problemática demanda observações e caminhos diferentes de pesquisa, portanto, exige construções de procedimentos para além dos modelos pré-existentes. O principal estudo de recepção que esta pesquisa fosse realizada foi baseada no trabalho desenvolvido por David Morley, realizado a partir do programa *Nationwide*, um magazine de política, entretenimento e esportes, veiculado após o noticiário matutino. A pesquisa foi desenvolvida com dezoito grupos focais, oriundos de diferentes níveis do sistema educacional, com origens sociais e culturais distintas, algumas delas sendo moradoras da região de *Midlands* (Londres). Os participantes eram estudantes de tempo integral e parcial, em diferentes níveis de educação complementar e superior. Na pesquisa, Morley posteriormente mostrou o programa para onze grupos, alguns de níveis diferentes do sistema de ensino, e outros tantos de sindicatos como de centros de formação em gestão – desta vez, principalmente em Londres. Os grupos eram compostos, principalmente, de cinco e dez pessoas. Após a visualização do vídeo, as discussões eram gravadas e as falas dos participantes analisadas. O estudo indicou diferentes respostas da audiência mediante os produtos televisivos, não se justificando apenas pela classe, mas encontrando raízes nas diferenças socioculturais e a partir do repertório de vida de cada entrevistado.

Ao eleger a abordagem qualitativa na pesquisa em questão, toma-se como referência Lima⁴ (2008, p.40). A autora reconhece a existência de aspectos a serem investigados, de difícil mensuração, por se apoiarem em perspectivas sociologicamente

³ MARIN, Elizara. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

⁴ LIMA, Manolita Correia. Monografia: a engenharia da produção acadêmica. São Paulo: Saraiva, 2008.



construídas. Para a realização dessa pesquisa foram elaborados quatro grupos focais (GF), entendendo-os como:

Discussão estruturada para obter informação relevante de um grupo de pessoas sobre um tópico específico. O objetivo dos grupos é colher informação sobre os sentimentos, valores e ideias das pessoas acerca do personagem em questão, e não obter consenso, nem tomar decisões, apenas analisar suas falas. (MALHORTA, 2005, p.115)

Seguindo também as linhas propostas por Lopes, Borelli e Resende (2002)⁵, entende-se e ressalta-se aqui o grupo focal como uma entrevista coletiva, na qual se objetiva estimular o debate baseado na convergência e no conflito de opiniões dos participantes. Conceituam-se os grupos focais como “uma entrevista com um pequeno grupo realizado por um moderador treinado, que leva a discussão de maneira não-estrutural e natural” (MALHOTRA, 2005, p. 115)⁶. O autor ainda complementa que “os principais objetivos da discussão em grupo é obter a percepção das questões de interesse do pesquisador, contemplando um grupo de pessoas do mercado-alvo apropriado” (p. 115). Embora a dinâmica da pesquisa seja não-estrutural, é necessário a criação de um roteiro para conduzir os entrevistados, e a partir dele delimitar as categorias de análise da pesquisa que serão posteriormente apresentadas.

Hall ⁷ (2003) ao falar de sua teoria da codificação e decodificação, fundamentada em trabalhar o processo de recepção dos telespectadores diante da televisão. O autor defende que em um processo de comunicação existem pelo menos três estratégias de leitura e recepção. A primeira delas é a hegemônica-dominante – quando o receptor decodifica o texto midiático a partir de seu sentido conotativo, compreendendo o sentido total da mensagem. A segunda posição é a negociada: o sentido é construído a partir de elementos que se adaptam ao discurso hegemônico e, ao mesmo tempo, se opõem a ele. A última estratégia é a de oposição: onde resiste

⁵ LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia; RESENDE, Vera. Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, telefuncionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

⁶ MALHOTRA, Naresh. K. Introdução á Pesquisa de marketing. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

⁷ HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.



totalmente ao sentido conotativo e produz um sentido contrário ao da ordem social dominante:

A primeira posição hipotética refere-se à posição hegemônica-dominante. Quando o telespectador se apropria do sentido conotado de, digamos, um telejornal, ou um programa de atualidade, de forma direta e integral, e decodifica a mensagem nos termos do código referencial no qual ela foi codificada, podemos dizer que (...) está operando dentro do código dominante. (...) A segunda posição que identificaríamos é a do código negociado. (...) Decodificar, dentro da versão negociada, contém uma mistura de elementos, de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado) faz suas próprias regras. (...) Finalmente, é possível (...) decodificar a mensagem de uma maneira globalmente contrária. Ele ou ela destotaliza a mensagem no código preferencial para retotalizá-la dentro de algum referencial alternativo (HALL, 2003, p. 399-401).

No caso desta pesquisa, para fomentar e conduzir as discussões entre os participantes engajados nas políticas da Comunidade LGBT – foram exibidas cenas de *Amor à vida* selecionadas por meio de pesquisa documental realizada a partir da leitura da sinopse da novela disponível no site oficial da emissora. Tal seleção foi elaborada com o objetivo de compor uma narrativa o mais completa possível sobre a personagem Félix Houry. Em geral, eram momentos em que a personagem interagia com seu pai, mãe, irmã, esposa e parceiro afetivo. Essas cenas foram transmitidas por meio do site da telenovela durante as discussões. As discussões duraram em torno de duas (2) horas e contava com quatro participantes.

Buscou-se marcar o problema a ser avaliado nos grupos de discussão, atentando-nos para a pergunta: quais as leituras dos participantes a partir da personagem em questão, como estes receptores e consumidores da telenovela *Amor à vida* significavam, ressignificavam, interpretavam, discutiam e negociavam os significados de questões de consumo levantadas por Félix a partir das cenas exibidas. As cenas foram escolhidas de acordo com o momento em que a trama se encontrava, buscando selecionar cenas emblemáticas que pudessem enfatizar as características da personagem a ser avaliado.



Ao realizar o roteiro para os grupos de discussões, foi pensado em categorias de análises que, depois que o material fosse transcrito, pudesse facilitar as leituras em relação a personagem Félix Khoury, sendo elas: *consumo cultural*, assistência e engajamento à telenovela *Amor à vida*: com o intuito de verificar se o participante assistia à telenovela e com qual frequência isso ocorria e verificar se o consumo da trama transcendia à televisão e passava a meios como blog, site oficial da telenovela e redes sociais; *vilania*: investigar se o participante aprovou ou desaprovou a vilania do personagem, se se foi bem interpretado, assim como mapear os outros possíveis vilões da trama e outros personagens tidos como vilões nas representações televisivas; *redenção*: constatar se a redenção do personagem no final da trama foi bem aceita, comparando as atitudes de Félix no início e ao final do enredo, e se é possível uma pessoa se redimir e seus atos; *representações homoeróticas*: investigar se a cena final, protagonizada por um beijo gay foi adequada, verificar se os personagens foram bem representados, se os espectadores se sentiram representados pelos homossexuais da trama, se a temática da homossexualidade associada à vilania foi bem colocada no enredo, averiguar porquê a Rede Globo teve certos pudores com o beijo gay, sendo que o programa que vinha em sequência à novela (*Big Brother Brasil*) mostrava cenas de duas mulheres se beijando. Essas quatro categorias de análises foram suficientes para mapear e responder ao problema de pesquisa proposto, bem como objetivos propostos a serem descortinados nessa dissertação.

Nossos Receptores e seu Lugar de Fala

Foram realizados quatro grupos focais com lésbicas, bissexuais, *gays* e travestis, cujas idades variaram entre 18 e 40 anos, pertencentes à Comunidade LGBT da cidade de São Paulo e que buscam combater o heterossexismo, bifobia, homofobia, transfobia, sexo-negatividade e as pressões conformistas existentes na sociedade em geral.

Sendo Félix Khoury a primeira personagem homossexual em destaque nas telenovelas brasileiras, que ao longo da trama ganhou a condição de protagonista, a



escolha do público pertencente à Comunidade LGBT para os grupos da pesquisa empírica se dá para verificarmos se a representação da personagem em questão é um avanço ou um retrocesso na mídia. Buscando ainda verificar se esse público de fato se sentiu representado pela figura dramática, ou se foi apenas uma estratégia comercial a exposição da personagem.

O primeiro grupo focal foi realizado em setembro de 2013, serviu como um ensaio para as demais entrevistas coletivas. A trama ainda estava no ar e a discussão foi realizada com quatro participantes *gays*, dois deles com 21 anos, universitários, pertencentes ao Coletivo ESPMagia (coletivo universitário engajado em causas em prol dos direitos LGBT), de classe econômica alta. Os outros dois participantes de 37 anos não pertenciam a nenhum coletivo e eram de classe popular.

O segundo grupo focal foi realizado em janeiro de 2014, novamente com a telenovela no ar. Contou com a presença de três meninas com idade entre 19 e 20 anos, novamente pertencentes ao Coletivo Universitário ESPMagia. Uma das integrantes se assumiu bissexual e duas delas lésbicas, sendo todas de classe alta.

O terceiro grupo, realizado em março de 2014, quando a trama não estava mais sendo exibida, mas mesmo assim a discussão foi positiva, uma vez que estava no ar a telenovela *Em família* (Rede Globo, 2014), que abordava a união estável entre duas mulheres – tema tratado no roteiro de discussão. A formação do grupo foi mais heterogênea, sendo composto por um casal em regime de união estável masculino, uma participante bissexual e uma travesti. O casal de homens com 37 e 34 anos de classe média e vinculados ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), atuantes na subdivisão dos direitos homossexuais do partido. A moça lésbica de 24 anos concluiu a graduação e pertence à classe alta. A travesti de 32 anos, não atua em nenhuma frente em prol de direitos LGBT e é de classe popular.

O quarto grupo realizado, em março de 2014, novamente após o término da trama, foi composto por cinco participantes, nenhum deles pertencentes aos movimentos ativistas: uma moça lésbica, três *gays* e um rapaz bissexual. A garota lésbica é universitária, de 19 anos e pertence à classe alta; o rapaz bissexual com 29



anos, de classe média; um homem de 41 anos, pós-graduado e economicamente bem-sucedido. Em relação aos dois últimos jovens, ambos são universitários, um deles tem 20 anos e é de classe popular, oposto de seu colega de 18 anos.

Abrindo o Armário: Análise Descritiva do Material Empírico

Analisando o primeiro grupo realizado, na categoria *Engajamento e assistência à telenovela*, parte dos entrevistados declararam acompanhar a trama, parte não conseguia acompanhar por motivos pessoais (estudantes do período noturno), no entanto, declaram conhecer a *Fan Page* da personagem na rede social *Facebook*. Em relação à *Vilania e Redenção*, os entrevistados se demonstraram estar divididos em relação à vilania do personagem. Em relação ao personagem César, é unânime a questão da vilania, visto que quanto mais faces ele apresentava, mais coisas ruins demonstra. Os entrevistados apontaram César como responsável por parte do mau-caratismo de Félix, em função da rejeição que ele sofria. Em relação à Pilar, foi apontado que Félix se demonstrava amoroso e protetor, tendo com ela uma relação simbiótica: a mãe o protege e valoriza, ao passo que ele a ajudava na vingança contra o pai. Em relação as *Representações homoeróticas*, apenas um entrevistado citou o personagem Crodoaldo Valério de *Fina Estampa*. Os participantes frisaram que os personagens gays, principalmente os masculinos, eram estereotipados, caricaturados. Abaixo vemos o depoimento de um dos entrevistados em relação à vilania.

Mas eu acho que em novela, as mais recentes têm muito essa coisa que fica entre o vilão e protagonista, comparando com o que era antes, entra um pouco nisso, tem as tramas que ele age como vilão, mas ele também deu uma prova que ele acaba sendo mais vítima do que protagonista, e eu acho interessante isso, não colocaria ele só como vilão. Tem uma parte que passaram ele como vítima. (Sujeito 4).

No segundo grupo focal realizado, os entrevistados se demonstraram menos interessado no enredo, todos conhecem os personagens e como a trama (ainda no ar) se desenrola. Declararam acompanhar a telenovela via redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*. Em relação à *Vilania e Redenção*, foi difícil determinar se Félix era ou não um vilão. Foi discutida a questão maniqueísta das personagens das telenovelas em geral, o



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

protagonista nem sempre é bom, bonito e bem-sucedido, o vilão não deve necessariamente ser feio e mau-caráter. Foi abordado a personagem César, que é uma figura bem-sucedida, poderosa, mas que cometeu sérios deslizes, mas não necessariamente por isso se caracteriza como vilão. Em relação à Pilar, foi considerada uma grande aliada de Félix, mas também muito apaixonada pelo marido. Essa dualidade chegou a confundir Félix, que, não obstante é feliz por ter a aceitação da mãe. A respeito das *Representações homoeróticas*, as recordações foram mais pulverizadas em relação aos personagens gays das telenovelas, como por exemplo Leila e Rafaela de *Torre de Babel*, além de Crô de *Fina Estampa*. Ainda que muito irônico e sagaz, Félix foi considerado um pouco caricato com seu linguajar e expressões. A personagem Eron não era afetado nem afeminado, longe de ser caricato. Uma crítica apontada em relação à essa personagem é o fato de ele trocar seu companheiro de anos por uma mulher. Essa "redenção" não foi bem vista pelo grupo, que alegava a homossexualidade como algo que não se escolhe ou se modifica de uma hora para outra. A seguir vemos fala dos entrevistados que corroboram com as análises realizadas a partir deles:

O problema dela, é que o Félix ele tem esse lado bom e esse lado ruim, ele faz a maldade, mas depois ele sente culpa, ela não, ela é aquela versão do politicamente correto 100%, ela não faz nada de errado, ela teve a menininha, casa com o cara, vai morar na casinha no subúrbio e não se importa dele ser pobre, ela é muito certinha, ela não tem nada que destoa disso. Ela é sem sal, porque ela é 100% boazinha, o Félix não, ele tem o lado do sarcasmo, tem o lado da maldade, os outros personagens que representam a realidade, porque tem o lado bom, tem o lado ruim, ela é o contrário ela só tem o lado bom, não tem nada nela. Ele que faz a maldade, ele sente culpa, ele é gay, ele é isso, são várias coisas que compõe, e ela não, ela só é boazinha e acha ruim que ele possa fazer uma maldade, quer justiça, não pensa em herança, porque os pais estão vivos. (Sujeito 2).

Tem também o casal Eron e Niko. A primeira coisa que eu percebi assim que eu quis entrar na novela e eu adorei porque eles não são o que a gente falou, estereótipo dos gays. Eu adorei, tipo eu fiquei, caracas isso é muito legal, por ser um casal gay vivem normal, não são afeminados como todos os outros que são retratados na novela. Até porque eu acho que existem mais casais assim do que normalmente afetado. E eu achei chato porque justamente, enfim, aparece um casal que seria uma coisa mais normal que a gente ver e o cara que é mais básica, é menos afetado do que o outro, os dois não são muitos, mas ele é menos, aí ele vira hetero. (Sujeito 1).



O terceiro grupo realizado (com a trama já encerrada), se demonstrou bastante heterogêneo nas concepções e visões de mundo. Dos 4 participantes, 3 assistiam os capítulos diariamente e ainda buscavam informações em redes sociais e sites (oficial ou não) da telenovela. Sobre a *vilania e redenção*, pôde-se perceber que outros personagens mostraram suas outras faces, por exemplo, e além de Félix (embora ao final tenha se redimido) foram apontados como vilões Ninho, César, Aline e Pilar. A partir daí, é possível refletir que em maior ou menor grau, esses personagens apresentam comportamento com componentes de vilania e/ou estereótipos. Os entrevistados se demonstraram divididos acerca da temática da redenção. Foi argumentado que a redenção é produto do amadurecimento e de aprendizagens, para então melhorar a percepção de fatos e comportamentos, mas que para que a redenção seja efetiva é preciso que a pessoa deseje se redimir. Foi levantada a hipótese de que a redenção de Félix tenha ocorrido pela descoberta do amor (em relação ao personagem de Niko), ao passo que Aline não queria mudar, pretendia levar sua vingança até as últimas estâncias. Existiu uma unanimidade no grupo em relação ao desfecho: a novela terminou com as nuances que o público desejava, com finais felizes. Com a fala do entrevistado 3, é possível perceber as mudanças em relação à percepção sobre quem era o vilão da trama, no caso abaixo descrito, César, pai de Félix e em relação à sua redenção.

Pra mim ele é a representação do homem brasileiro, machista, retrógrado, ultrapassado, que uma vez que ele tem o poder acha que pode tudo, comprar tudo e todos, e pra mim é um grande problema social, que muita gente não tem pai, foi feito por alguém, mas não tem pai, e ali é a mesma coisa, ele não tinha pai, porque o pai direcionava, percebia a sexualidade dele, os pais sempre sabem, principalmente mãe, percebia, não gostava, mas para não ter atrito com a esposa e com os familiares, acabava ignorando e depositou toda atenção na menina, tanto é que ela era a filha dos olhos dele, até ela decepcioná-lo em algumas coisas. Mas tudo que ele questionou, que ela errou que ele errou, foram coisas que ele cometeu antes, então pra mim ele é o grande vilão machista, é a palavra da história. (Sujeito 3).

Mas ela [Aline] não tava nem um pouco afim de ter uma redenção. Isso é diferente, o Félix quando perdeu tudo e ficou sem grana, ele aprendeu naquilo o que era amor. Ele aprendeu que podia melhor. E começou a mudar de acordo com isso. Mas a Aline não queria mudar, ela achava que aquilo era justo e nada



tirava isso da cabeça dela e eu acho que ele foi bonito por conta disso, ele descobriu o amor de todos os modos possíveis, da pessoa que cuidou dele na infância, de parceiro, de família, descobriu amor da sobrinha dele que sempre maltratava... (Sujeito 2).

A maioria dos participantes alegou que os personagens *gays* são tratados de maneira preconceituosa, com cargos de menor destaque (mordomos, cabelereiros), suas famílias nunca são mostradas, como se eles não possuíssem vida íntima - é nítido esse descontentamento de como os homossexuais são colocados. No entanto, consideraram Félix um divisor de águas, pois era uma personagem de destaque, rico, de classe alta e alto grau de instrução e com família presente na trama – neste sentido, uma pessoa como outra qualquer. O grupo é intolerante aos estereótipos e caricaturas, alegando que personagens assim não são bem construídas, de acordo com o entrevistado 3:

Para mim a maioria antes do Félix que era um divisor de águas, era sempre estereotipado, era sempre do núcleo de comédia, que nem tinha o Luiz Carlos Tourinho, que era o ator que faleceu que falava “Abalou Bangu” que tinha um cara que era mau e ele era assistente, tirando a Próxima Vítima que tive o casal que depois não virou, ou os que foram assassinados na Torre de Babel, toda novela sempre nos núcleos cômicos, e eu acho que o Félix era o primeiro que era uma pessoa bem sucedida, não era dele o Hospital, mas era o diretor, ele era super graduado, ele tinha uma família, torta ou não, mas tinha, ele tinha toda uma estrutura que antes não existia nos outros textos, então eu acho que foi importante, mas o que eu me lembro é isso, a maioria era dos núcleos cômicos. (Sujeito 3).

Trazendo as análises do último grupo de discussão, todos os participantes acompanharam praticamente todos os capítulos pela televisão, além de redes sociais como, e principalmente, *Facebook e blogs*. Ao abordar *vilania e redenção*, houve novamente uma dualidade nas opiniões. Parte do grupo acreditava que Félix era um vilão ainda que tenha se redimido ao final. É válido destacar que um entrevistado se projetou no personagem de Félix, afirmando que também fizera "maldades" a fim de ser aceito e reconhecido:

Então... se ele é eu também sou... eu entendo o que ele fazia, como ele agia, porque meio que era assim comigo. Minha família não me aceita, então eu meio que tento chamar atenção de outros jeitos. Eu não sou uma vilã, assim como ele também não era, mas não temos sangue de barata, não dá para se calar sobre certas coisas... (Sujeito 1).



É possível perceber de todos os entrevistados que o enfrentamento com a família e a sociedade ainda é muito preconceituoso. César foi apontado como vilão da trama pelas relações extraconjugais, rejeição ao filho, preferência à filha - como se o recalque de cada entrevistado aflorasse para o próprio pai, demonstrando mágoa pela não aceitação de uma condição que não lhe fora escolhida. É notório neste grupo que as pessoas só desenvolvem o que recebem - se o ser é bem tratado, respeitado e aceito, ele tende a ser 'bom'. A razão inversa também é verdadeira - acredita-se que a redenção é possível até certo ponto. O desfecho entre Félix e César causou comoção e tentativa de identificação - bem como o desfecho entre Félix e Niko, que enxergou nele um potencial de mudança.

Achei que mostrou uma trama de casal hétero aplicada ao contexto *gay*. Mostrou que não há diferenças gritantes entre as questões de relacionamentos entre héteros ou *gays*. Todo mundo sofre, todo mundo gosta, todo mundo tenta, todo mundo quebra a cara etc. (Sujeito 3).

Adentrando nas *representações homoeróticas*, os entrevistados trouxeram principalmente nomes como Crô de *Fina Estampa*, Leila e Rafaela de *Torre de Babel*, Clara e Marina de *Em família*. O grupo revelou que as personagens homossexuais em geral são muito afetadas, caricatas e cheias de bordões, no entanto, ressaltaram como positiva a dificuldade que Félix (e os homossexuais em geral) enfrentam desde sempre, a começar pela família, além do destaque da personagem no horário nobre de uma grande emissora de televisão aberta.

Uma questão levantada nos grupos focais realizados, que não fez parte das categorias de análise é a temática do beijo *gay*. A seguir serão mostradas algumas falas a respeito do tema, destacando:

Aquele outro casal que tem na novela, o médico, eles fugiram um pouco daquela coisa que vai ter ou não o beijo *gay*, mostra uma relação legal, sem deboche, sem tem que ter o beijo *gay*, sem forçar nada. Um é companheiro do outro, vou ali comprar uma coisa, o outro fala tudo bem. (Sujeito 1).

A fala do participante traz o desejo de uma representação *gay* semelhante à de casais heterossexuais, evidenciar que o cotidiano é igual para todos os casais, onde existe beijo, como em qualquer casal. O ato de beijar não é mais importante do que



mostrar a vida íntima de um casal, cenas que raramente são mostardas no universo homossexual.

Eu acho que a cena mais bonita foi a final. Eu acho que foi mais bonito que o beijo. O Carneirinho mostrou para ele o que era o amor. Então o beijo do final era de agradecimento, beijo de “você faz parte de mim”, beijo de amor. A parte tocante é que os atores conseguiram de maneira muito natural, fazer uma coisa que você não pode encenar. Um beijo daquele não dá pra ser encenado. Primeiro beijo homossexual, ah... A gente viveu com isso, somos de uma geração que acha isso natural! Para gente o beijo é só um beijo. (Sujeito 2).

Eu acho que foi o começo, e óbvio que poderia tecer a verdade mais profundamente, mas antes abordado assim do que nunca ser abordado. Foi superficial com certeza, desandou para esse lado mais por demanda para ter o herói do que necessariamente porque era planejado fazer isso, tanto que eu acho que o beijo também foi consequência mais disso do que uma quebra de paradigma ou qualquer coisa desse tipo. Eu não assisti e fiz questão de não assistir o último capítulo, porque é uma coisa que eu acabei até comentando, o que me incomodou muito mais do que isso, é que existe nesse país uma ideia um comportamento que as coisas só são aceitáveis quando sai na Globo, que é chancelado pela Globo, ou seja, a Globo tem que dar o aval para que o beijo *gay* seja aceitável, e isso me incomoda muito, porque isso é um certo monopólio que não pode acontecer entendeu? Porque o beijo *gay* já era comum, porque que quando saiu na Globo era um ineditismo, mas não deixa de ser uma abordagem. (Sujeito 4).

É possível perceber que colocar o beijo no final da telenovela não foi chocante, visto que a discussão foi realizada em São Paulo, uma grande metrópole, onde o assunto já está inerente ao cotidiano da cidade – sede da Parada do Orgulho LGBT. Personagens como Leila e Rafaela de *Torre de Babel* (1998-1999), citadas no decorrer das entrevistas, foram rejeitadas pelo público. A ideia transmitida pela fala dos participantes é que o final de Félix e Niko foi, e poderia ter sido, como o que comumente



acontece nas telenovelas entre casais heterossexuais.

De interpretação foi péssimo! Ainda que tenha sido um beijo não muito bem encenado, é preciso reconhecer que foi um marco histórico e um primeiro passo importante para a televisão brasileira. Contudo, não se pode achar que já é o suficiente, uma vez que sexo entre casais heterossexuais é algo explícito ainda que na novela das 6 e até em Malhação. Sem dúvida foi um passo para os *gays*, mas algo não muito significativo quando se trata de igualdade de representação. (Sujeito 4).

Ousada, esperada, assertiva e rompedora de tabus. Finalmente a ousadia de mostrar o que já é comum. A ousadia de romper um pouco mais com os tabus sociais. Ainda falta muito, e isso não é nada, mas mesmo assim, um primeiro passo. Todos os tabus deveriam ser colocados à prova por toda a mídia de massa. Desta forma, a sociedade se chocaria, num primeiro momento, mas passaria a começar a pensar mais sobre essas questões. (Sujeito 3).

Os participantes entenderam o beijo como um ponta pé inicial nas telenovelas, visto que foi transmitido no horário nobre da Rede Globo, mas ainda muito incipiente. As retratações heterossexuais são mais explícitas, a cena em questão poderia ter sido um pouco mais real, mas ainda assim serviu para a quebra de tabus. É válido dizer que o beijo foi visto de maneira positiva, com toque de romantismo e ternura.

Considerações Finais Desta Empiria

As falas aqui trazidas evidenciam-nos os confrontos, as negociações, as ressignificações e os valores dos receptores aqui trazidos. Isso demonstra a complexidade do processo de comunicação. Evidencia-nos ainda como o consumo de um produto como a telenovela se ratifica como possibilidade de leitura dos fios ideológicos que constituem a nossa trama social.

Pode-se principalmente constatar que a personagem de Félix Khoury, como caracterização humorada, expansiva, vingativa revelou a identificação do público com o contexto vivido, em prol da aceitação de sua família, em especial seu pai, foi o que



cativou os espectadores e criou laços entre eles e a trama. A questão da vilania do personagem Félix ficou dividida, tendo sido apontada e entendida que a personagem possuía características não maniqueístas. Indo além da questão da telenovela, foi possível perceber a personagem como um caleidoscópio, com diversas faces, e conforme a situação, presente em um cenário que se modifica.

É válido ressaltar que o primeiro ato de vilania praticado por Félix foi jogar a sobrinha em uma caçamba de lixo. No entanto, essa ação, bem como as demais, fora realizada com o intuito de ter a aceitação de seu pai – fator que aparenta ser uma constante na percepção dos homossexuais entrevistados, ao passo que as mães demonstram mais fácil aceitação em relação a orientação sexual de seus filhos. É importante apresentar Félix não apenas como vilão, pois isso passa a imagem de que os homossexuais possuem esses traços, não apenas cômico como comumente é representado. A proposta é que a personagem *gay* deve ser mostrado como alguém que trabalha, exerce suas atividades, se apaixona, sem rótulos e ideias pré-concebidas e sem qualquer tipo de retaliação.

Alguns dos entrevistados opinaram que a personagem Félix por ter cores muito carregadas na questão da vilania, pode interferir negativamente na formação de juízo de valores de pessoas jovens e com caráter em formação, atrelando a vilania à homossexualidade.

Pode-se afirmar que Félix Khoury representa a Comunidade LGBT da cidade de São Paulo? Não é possível afirmar nem que sim, nem que não. Pessoas com problemas familiares e pessoais semelhantes aos representados na telenovela se identificaram com o personagem, então puderam projetar a representabilidade. Um ponto a se questionar é o preconceito que os próprios participantes demonstraram em relação à homossexualidade.

As personagens homossexuais estão presentes nas narrativas porque estão presentes nas ruas. Eles se beijam publicamente, demonstram seu afeto, estabelecem famílias e são consumidores como tantos outros, consumidores até das narrativas teleficcionais. A personagem homossexual de Félix e o beijo *gay* revelam que esta



presença na telenovela, ao que se pode crer, são assuntos que vem lentamente sendo trazidos à discussão e sua aceitação vem ganhando espaço. Essa discussão é de relevância visto que o tema é atual e o preconceito ainda é grande, mas possivelmente tratando-o com a mesma naturalidade com que se aborda casais e beijos heterossexuais haja a ampliação dos direitos dos homossexuais de se posicionarem sem diferença e rejeição na sociedade.

Referências

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia; RESENDE, Vera. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

MALHOTRA, Naresh. K. **Introdução á Pesquisa de marketing**. São Paulo: Pearson Pretince Hall, 2005.

MARIN, Elizara. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.